



ESCOLA QUE PULSA: UMA HOMENAGEM AOS 50 ANOS DA EMEF PROF. ANTÔNIO DUARTE DE ALMEIDA



DESTAQUES

A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Bruna Dias Campos



DESAFIOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marcia Muniz Brilhante de Toledo



Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 29 - Junho de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Alexandre Passos Bitencourt

Andréia Fernandes de Souza

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas: Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Bruna Dias Campos
- Ivan Aparecido da Silva
- Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
- Jucélia Maria do Nascimento
- Lucas Missio Christino
- Luiza de Caires Atallah
- Marcia Muniz Brilhante de Toledo
- Ntusa Mahuila
- Taisa da Silva Souza
- Tamires Aparecida Silva dos Santos
- Viviane de Cássia Araujo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 29 (jun. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

88 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:



<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.29>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Denise Mak

Isac dos Santos Pereira

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.



Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO O Editor

09 DESTAQUE

ESCOLA QUE PULSA: UMA HOMENAGEM AOS 50 ANOS DA EMEF PROF. ANTÔNIO DUARTE DE ALMEIDA

COLUNA

10 Semeando Ideias

Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos



ARTIGOS

- | | |
|---|----|
| ★ 1. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
Bruna Dias Campos | 17 |
| 2. O MODELO EDUCATIVO GREGO E A EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA
Ivan Aparecido da Silva | 23 |
| 3. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E OS DESDOBRAMENTOS PARA A COMUNICAÇÃO DE SURDOS
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro | 29 |
| 4. O BRINCAR HEURÍSTICO COMO DESEMPAREAMENTO NA INFÂNCIA
Jucélia Maria do Nascimento | 35 |
| 5. A INFRAESTRUTURA, OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA
Lucas Missio Christino | 41 |
| 6. INCLUSÃO E A EDUCAÇÃO ESPECIAL DA TEORIA PARA A REALIDADE
Luiza de Caires Atallah | 47 |
| ★ 7. DESAFIOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Marcia Muniz Brilhante de Toledo | 53 |
| 8. REFLEXÕES SOBRE A CONCEITUAÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA NO SUBSISTEMA DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO
Ntusa Mahuila | 61 |
| 9. NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA MATEMÁTICA
Taisa da Silva Souza | 67 |
| 10. O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Tamires Aparecida Silva dos Santos | 73 |
| 11. NEUROPSICOPEDAGOGIA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM
Viviane de Cássia Araujo | 81 |

O MODELO EDUCATIVO GREGO E A EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

IVAN APARECIDO DA SILVA

RESUMO: O artigo pretende estabelecer uma relação entre o modelo de educação adotado na Grécia Antiga e o modelo de educação básica pós-modernista. Dessa forma, o artigo reflete sobre qual o viés da educação durante o século XX e início do século XXI, que contornos ela adquiriu com a passagem do tempo, desde a antiga Grécia até os dias atuais, e ainda o artigo levanta uma reflexão. Pode-se pensar nesse conceito de prática pedagógica utilizada na Grécia antiga no modelo pedagógico praticado na atualidade? O artigo verifica o processo educativo desde a representação de um modelo ideal, aos posteriores desdobramentos, e de que forma eles repercutem na educação contemporânea. O objetivo é expressar se há de fato características em comum, entre o modelo educativo grego e a educação pós-moderna, ou se com o passar dos anos houve uma diluição dos princípios, transformando essa dualidade em um confronto de ideias tão díspares.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação. Ensino. Grécia. Pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

Os povos gregos fundaram o conceito de educação para a perfeição do corpo e da alma, ao estabelecerem este conceito, deram início à problematização em torno dessa ideia. O sentido da educação grega era a elevação do ser humano, pertencendo a uma comunidade, tendo adquirido conhecimento e inteligência clara por meio de exercícios físicos, artísticos e retóricos; assim consumava-se o ideal do modelo educativo grego ou a cultura como princípio formativo. Os povos da Grécia antiga estabeleceram uma valoração ao ser e à cultura, para os gregos a educação era um bem permanente adquirido pelo ser humano e contribuía substancialmente para sua felicidade, a eudaimonia, cuja qual o Estado defendia. Na pós-modernidade, a educação não significa necessariamente o direito de ser feliz, mas a possibilidade de aprender, aprender a aprender, ou seja, de maneira autônoma o estudante precisa não saber só o que, mas como estudar. A educação permite ao sujeito usufruir dos bens sociais, ser um cidadão participativo e atuar coletivamente. Dessa forma, justifica-se pelo método dialético o quão interessante torna-se conectar ideias tão distintas, pois a Grécia antiga é considerada um marco referencial no pensamento ocidental.

No século V a.C. o modelo educativo grego era definido como sendo uma "Paideia", ou seja, denominação de um sistema de educação e formação ética, que incluía temas como Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História e Filosofia, objetivando a formação de um cidadão perfeito e completo, capaz de liderar e desempenhar um papel positivo na sociedade, alicerçavam o protótipo de educação básica para a construção do cidadão grego. A história da educação grega é marcada por dois períodos: o antigo que compreende a educação homérica e a educação de Esparta e Atenas; e o novo período, o da educação no "século de Péricles", correspondendo este ao período áureo da cultura grega, o qual se inicia com os sofistas e se desenvolverá com os filósofos, Sócrates, Platão e Aristóteles.

Na pós-modernidade a educação sofre com os efeitos de uma época de fragmentação e superficialidade, um período de decadência da cultura, de esvaziamento do trabalho pedagógico na escola, enfim, um meio da produção ideológica pós-capitalista para encobrir a percepção dos homens a respeito do desenvolvimento histórico. O que se vê atualmente é a negação dos direitos humanos básicos, a destruição do meio ambiente, as condições precárias das populações de baixa renda e a falta de futuro para as crianças. Essa situação propicia um quadro dramático e uma realidade de desigualdade reproduzida nas escolas públicas, expondo um contraste emblemático.

A BASE DA EDUCAÇÃO GREGA – SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES

A filosofia socrática prescreve que o único modo de se alcançar a felicidade é pela virtude a qual adquire-se pela sabedoria, ou seja, o conhecimento verdadeiro. Sócrates adotava o diálogo, recheado de ironia, um processo pontuado por perguntas e respostas denominado de “maiêutica”, tendo com ela estabelecido seu próprio método de conhecimento da verdade, que para ele era conceitual, resultado da prática de examinar as opiniões acríicas. O socratismo ensina o pensar para viver bem, dessa forma, determina que o objeto da ciência não é o sensível, o particular, o indivíduo que passa, mas o inteligível, o conceito obtido pelo processo dialético, chamado por ele de indução e que consiste em comparar vários indivíduos da mesma espécie, retendo deles apenas a essência, o universal. O objetivo de Sócrates era educar o homem por meio do contínuo exercício da busca da verdade traduzida em bem, que, na prática adquire o sentido de bem-estar social, coletivo, frente à justiça. O postulado socrático conflita com os valores da época, para ele a virtude podia ser aprendida. Entretanto, a questão da virtude era entendida como uma disposição de caráter imanente nos cidadãos, conhecida como Arete, a excelência humana. A tradição grega descreve os heróis como seres aristocráticos, possuidores de nobreza, um dom divino recebido dos deuses, e que podia ser herdada, a Arete era uma tradição familiar. A ciência se faz mediante a razão, isto quer dizer que a instrução não deve consistir na imposição de uma doutrina ao discente, mas o mestre deve tirá-la da mente do discípulo, pela razão imanente e constitutiva do espírito humano, a qual é um valor universal.

A atividade literária de Platão é representada pelos diálogos, em três grupos principais, segundo certa ordem cronológica, lógica e formal, que representa a evolução do pensamento platônico, do socratismo ao aristotelismo. O caráter íntimo, humano, religioso do platonismo é especialmente vivo, angustioso, pela intensa sensibilidade do filósofo em face do universal, do nascer e perecer de todas as coisas; da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Platão formula a teoria da reminiscência, ou seja, conhecer é recordar. De Platão herdamos, por meio do mito da caverna, a noção idealística da “verdade como descoberta”, que nos remete à concepção de que todas as coisas já existem, prontas e acabadas, no mundo das ideias, no qual há a matriz fiel e perfeita de todas as coisas. Platão considera o espírito humano como sendo um peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo Eros platônico. O filósofo ateniense desenvolveu a tese do mundo das ideias, um mundo imutável, permanente, captado pelos olhos da alma, cujo princípio movimenta a matéria e é a responsável pela razão, sede da memória, condutora da sabedoria e do controle das sensações.

Aristóteles compreende a virtude como sendo uma prática da vida humana que se desenvolve através do aprendizado, este conduz à ação digna do próprio fazer, excelência moral. A vida feliz e saudável desejada por todo ser humano é conseguida, na visão de Aristóteles, como um estado de equilíbrio entre a natureza humana e os critérios racionais que controlam o movimento das paixões. Esse ponto de equilíbrio proporciona a virtude, componente essencial da felicidade. Tal realização é conseguida mediante esforço e vontade, o homem tem que ser perseverante em sua educação para aprender a ter bons hábitos e com eles dominar os vícios e as fraquezas de caráter. A política aristotélica é essencialmente unida à moral, o Estado é a virtude, isto é, a formação moral dos cidadãos e o conjunto dos meios necessários para isso. Sendo tarefa essencial do Estado o cuidado com a educação e esta deve desenvolver com harmonia e hierarquia todas as faculdades: antes de tudo as espirituais e intelectuais e, em seguida, as materiais e físicas. O fim da educação é formar homens mediante as artes liberais, a poesia e a música, por alcançarem o inteligível e o universal, e não as máquinas, pois, o trabalho é apenas um meio para a paz e o lazer consciente. Aristóteles culminou uma expressão que se tornou muito conhecida – zoon politikon - ou seja, o homem é um animal político, ou social: quem não convive com os outros homens ou é um deus ou um bruto, e a linguagem, a comunicação estabelece o selo social. Na verdade, o homem é por natureza um ser da polis. Pelo caráter social da natureza humana, a educação desempenha um papel fundamental e torna-se superior às leis. O filósofo observa que a educação deve começar desde cedo (da própria concepção) para que os cidadãos sejam honestos e trilhem o caminho da felicidade.

No passado, na Grécia antiga, a pedagogia da essência teve sua fase áurea, os escravos não eram vistos como seres humanos. A essência humana, só era realizada nos homens livres. Segundo essa visão, os seres já nasciam predestinados e isto era coisa divina, que ninguém questionava. A classe dominante não tinha dificuldades de qualquer espécie, pois, na época, a classe dominada aceitava isso como uma imposição divina. Desta forma, a essência humana envolvida pela Arete se justificava. A bem da verdade,

a questão da dominação não era natural, nem tampouco parte da essência e o tempo se encarregou de colocar abaixo essa filosofia, juntamente com sua pedagogia. Tinham que cair porque eram injustas e deveriam ser substituídas por sociedades igualitárias. A história aponta que a classe dominante percebendo a mudança por falta de sustentação racional de seus pressupostos e precisando manter o domínio, resolve reformar a sociedade substituindo um suposto direito natural por uma sociedade contratual.

A sociedade contratual partia da premissa que todos os homens são livres para vender, mediante contratos, sua mão de obra. Por outro lado, a outra parte é livre também para contratá-la ou não. Este é o fundamento desta sociedade burguesa, onde existe uma igualdade formal. Nesse contexto, está a escola com a sua pedagogia da essência - escola tradicional - porém, suas teses filosóficas não garantem mais a sustentação do projeto burguês e ela passa a andar na contramão da história por não servir aos interesses, dessa forma implanta-se a pedagogia da existência, a escola nova. Ocorre algo interessante: no momento anterior, os homens eram na sua essência diferentes. Uns nasciam senhores e outros escravos. As conquistas naturais trazem ideias de modificações, afirmando que o certo seria uma sociedade igualitária, pois todos são iguais perante a Lei. O discurso da burguesia buscava destruir o sistema feudal e iniciar o sistema de modo de produção capitalista. Livres, os homens poderiam vender sua força de trabalho.

A burguesia ao assumir o poder, estrutura os sistemas nacionais de ensino advogando a escolarização para todos. A intenção era converter servos em cidadãos para participarem do processo político com o objetivo de consolidar a ordem democrática. O papel político da escola ficaria definido assim: a escola seria o espaço para a consolidação da ordem democrática instituída pela burguesia. Diante dessas perspectivas, a pedagogia da essência prega a igualdade dos homens, enquanto, a pedagogia da existência defende o oposto: os homens não são iguais, são totalmente diferentes e essas diferenças devem ser respeitadas. A legitimação das diferenças vem permitir a dominação, os privilégios, enfim, a desigualdade. Tal mudança prejudica o movimento de libertação do homem, proposto pela pedagogia da essência.

A EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA: CRÍTICA E TRANSFORMAÇÃO

A educação legitimou-se como a transmissora do saber e da cultura acumulada pelas gerações antecessoras; é aparentemente isenta de qualquer suspeita acerca de sua contribuição para a manutenção do status quo e da ordem vigente, nesse sentido, é ideológica, perpetuando a reprodução social. A escola imprime a ideologia dominante através do currículo, seja de uma forma mais direta ou através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a ordem das estruturas sociais que se visam impor. Louis Althusser no ensaio: A ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado, faz a conexão entre a educação e a ideologia. Para ele, a ideologia atua, também, de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar. Essa diferenciação é garantida pelos mecanismos seletivos que fazem com que as crianças das classes dominadas sejam expelidas da escola antes de chegarem aqueles níveis onde se aprendem os hábitos e habilidades próprios das classes dominantes.

Para Bowles e Gintis, em: A escola capitalista na América, os autores enfatizam a aprendizagem através da vivência das relações sociais da escola, das atitudes necessárias para se qualificar como um bom trabalhador capitalista. As relações sociais do local de trabalho capitalista exigem certas atitudes por parte do trabalhador: obediência a ordens, pontualidade, assiduidade, confiabilidade, no caso do trabalhador subordinado; capacidade de comandar, de formular planos, de se conduzir de forma autônoma, no caso de trabalhadores situados nos níveis mais altos da escala ocupacional. A dinâmica da reprodução social está centrada no processo de reprodução cultural. É através da reprodução cultural dominante que a reprodução mais ampla da sociedade fica garantida. A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar, de agir, os valores, os hábitos e costumes, os comportamentos da classe dominante são aqueles que são considerados como constituintes da cultura. Os valores e hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa, mas não são cultura.

Dessa forma, a cultura dominante naturaliza-se para se impor, desfazendo assim seu caráter arbitrário. É essa a força original que permite que a classe dominante possa definir sua cultura como a cultura, mas, em si, ela guarda dois processos em funcionamento: de um lado a imposição e, de outro, a ocultação, que parece, então, como natural. A esse duplo mecanismo, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron chamam de dupla violência do processo de dominação cultural. Demerval Saviani em Escola e Democracia explana sobre a pedagogia revolucionária, esta se centra na igualdade essencial entre os

homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Mostra que a pedagogia revolucionária é crítica. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar, como faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social dissolvendo-se em sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade.

Paulo Freire em: *Política e Educação*, explica que há uma imoralidade radical na dominação, na negação do ser humano, na violência sobre ele, que contagia qualquer prática restritiva de sua plenitude. Refere-se à educação para a libertação, responsável em face da radicalidade do ser humano, tem como imperativo ético a desocultação da verdade, ético e político. Na visão desse autor, o educador progressista não pode aceitar nenhuma explicação determinista da História, relembra os dizeres de Marx sobre as questões de opressão e libertação, reconhecendo a possibilidade de mobilização e organização da luta contra a exploração, para que as pessoas se tornem sujeitos da transformação política da sociedade.

A tendência marxista da pedagogia brasileira opta pela modernidade e despreza a ideia de pós-modernidade por esta insinuar o esvaziamento do caminho dogmático rumo ao socialismo, via revolução. Na educação existe o discurso por um ensino e uma pesquisa interdisciplinar, a crítica maior é dirigida ao ensino cientificista, especializado, que teima em fazer apologia do progresso, indiferente aos efeitos colaterais.

O culto ao progresso, à ciência e à razão, e o desprezo a outras formas de conhecimento, são características da modernidade, do iluminismo, cuja destilação sentimos ao longo do século XX. Neste início do século XXI o que se vê é a negação dos direitos humanos básicos, a destruição do meio ambiente, as condições precárias das populações de baixa renda e a falta de futuro para as crianças. Essa situação propicia um quadro dramático e uma realidade de desigualdade reproduzida nas escolas públicas. Michael Apple (2000) critica as teorias que não aceitam a influência da postura econômica de um país na educação da comunidade; as teorias e práticas pós-modernas, que explicam diversas formas e manifestações do capitalismo e individualismo, não são aplicáveis à maior parte da população mundial. Defende as culturas populares e luta para instituir modelos socialmente mais justos de currículo e ensino.

O PROCESSO EDUCATIVO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

A globalização expressa um mundo híbrido, no plano econômico, as fronteiras foram derrubadas, o mercado entre as nações tornou-se sem limites, abrindo-se inúmeras perspectivas. O que se reforça na vida cotidiana dos povos são as diferenças de etnia, de gênero, de religião e de estilos de vida, acentuadas pelos avanços tecnológicos e pela divulgação cada vez mais presente dos meios de comunicação e de informação. Nesse processo, o velho e o novo, o local e o global, o moderno e o tradicional, o universal e o particular coexistem e a heterogeneidade cultural é evidente. A globalização é um verdadeiro jogo de identidade, uma unificação de um mundo sem fronteiras. As relações entre cultura, identidade e globalização provocam um complexo debate em que convivem diferentes perspectivas. A escola deve estar subordinada às exigências do mercado de uma sociedade capitalista, economicista e tecnicista. As estratégias de democratização contra a exclusão e emancipação através da educação suscitam concepções diversas: o poder transformador e revolucionário da escola fruto de um idealismo pedagógico e o reconhecimento da escola como um espaço de luta onde se enfrentam forças políticas, sociais e culturais.

Enquanto o liberalismo clássico, da época da burguesia nascente, propôs os direitos do homem e do cidadão, entre os quais, o direito à educação, o neoliberalismo enfatiza mais os direitos do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas e contesta a participação do Estado no amparo aos direitos sociais. É uma política de regressão do campo social e político, os direitos humanos e a solidariedade atravessam uma grande crise. O neoliberalismo é um tempo de qualidade total, modernização da escola, adequação do ensino à competitividade do mercado internacional, nova vocacionalização, incorporação das técnicas e linguagens da informática e da comunicação, abertura da universidade aos financiamentos empresariais, pesquisas práticas, utilitárias, produtividade, essas são as palavras de ordem do discurso neoliberal para a educação.

O multiculturalismo, termo polissêmico, também analisado para se articular nos assuntos da educação e cultura. Para se entender o multiculturalismo é necessário compreender o conceito de cultura, de acordo com o dicionário Aurélio é o ato, efeito ou modo de cultivar, o conjunto dos conhecimentos adquiridos em determinado campo. Bartolomé Pina aponta o multiculturalismo como justaposição de várias culturas em uma mesma sociedade. A pluralidade de concepções e perspectivas

ideológicas e político-pedagógicas suscita múltiplas abordagens da educação multicultural. Não é possível definir multiculturalismo de forma definitiva. Trata-se de uma realidade dinâmica, em processo de ressignificação, que apresenta em cada contexto sociocultural e político configurações específicas, o multiculturalismo é uma realidade social na qual convivem diferentes grupos culturais. Uma situação considerada normal e natural está permeada por relações de poder, historicamente construídas, e marcadas por desigualdades raciais e culturais. Candau (2002) é favorável ao modelo de educação intercultural, que orienta processos baseados no reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social.

No imaginário social o termo cultura está vinculado à cultura culta: intelectual e artística, assim como ao processo de escolarização. Em contrapartida estão os sem cultura. Segundo Candau (2002), a consciência sobre a importância da diversidade cultural é cada vez maior. Amplia-se a perspectiva: da concepção reducionista de cultura, dimensão artística e intelectual, para o cotidiano de todo o grupo social. Pode ser entendida como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano. A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico. Envolve criação e recriação, é ação. Nesse sentido, o currículo deve incluir a experiência e perspectiva de diversos grupos étnicos, culturais e de gênero. Técnicas de ensino cooperativas e não competitivas devem ser usadas, empregando-se a linguagem própria da cultura dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio da educação contemporânea é defrontar-se com a incerteza e a insegurança. A educação pós-moderna tem um caráter instável e provisório, diferente da educação grega que consistia num bem firme e verdadeiro que formava o cidadão para a vida inteira. O bordão que se coloca hoje como pilar é “aprender a aprender”, estar sempre em constante revisão dos conhecimentos, pois, o capital da sociedade da informação é o conhecimento. De acordo com Hargreaves (2004), as economias do conhecimento são estimuladas e movidas pela criatividade e pela inventividade e as escolas precisam gerar essas qualidades.

A formação docente entendida como uma dimensão de reconstrução permanente da identidade pessoal e profissional, não pode mais ser vista como um processo de acumulação de conhecimentos estáticos (cursos, teorias, livros, técnicas). Este processo deve estar vinculado à realidade, contextualizado e interdisciplinarizado à concepção, a análise e à síntese do processo educativo. Ensinar tornou-se cada vez mais complexo, exigindo padrões mais elevados de prática profissional para um desempenho adequado, hábil e competente, proporcionando aos alunos elevadas expectativas de aprendizagens e facilitando a cultura da cooperação.

Pensar sobre o conhecimento é pensar na maneira como se produzem os discursos dominantes e ideológicos, que na pós-modernidade se tornam latentes: não se pensa a práxis educativa, mas os discursos educacionais. Entretanto, fazer educação é fazer do ser humano um ser que pensa sobre o significado da dominação, é proporcionar um instrumento de luta contra a alienação. Sabe-se que a sociedade pós-moderna é uma sociedade espetacularizada, estetizada, de altíssimo padrão tecnológico, exigindo mão de obra com excelente qualificação. Uma circunstância na qual o sujeito é apenas um fragmento, onde o que importa é o sistema, o capital. O cenário da peça traça um desenho expressionista, de mobilidade constante, fluída. Diante desse quadro, podemos concluir que o ser de Parmênides navega no mar bravio de Heráclito. Dessa forma, o aprender não é nada mais que recordar, é necessário que tenhamos aprendido, num tempo anterior, aquilo de que nos recordamos agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis, **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio: Graal, 1983.
- APPLE, Michael W., **Política cultural e Educação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**, trad. Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001.
- BOURDIEU, Pierre, **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999 (Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani).
- BOWLES, Samuel e GINTIS, Herbert, **La instrucción escolar em la América capitalista**. México: Siglo XXI, 1981.
- CANAU, Vera Maria (Organizadora) – **Sociedade, Organização e Culturas**. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.
- CHAUÍ, M., **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo, **Política e Educação: ensaios / Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época: v.23).

HARGREAVES, Andy, **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JAEGER, W., **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MESZÁROS, I., **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

PASSERON, Jean-Claude, **A reprodução**. Rio: Francisco Alvez, 1975.

PLATÃO, E seus diálogos. **Enciclopédia do estudante: história da filosofia**: da antiguidade aos pensadores do século XXI – Bernadete Siqueira Abrão. [et al.] – 1ªed. São Paulo: Moderna, 2008 v.12.

SAVIANI, D., **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 15ªed. Campinas: Autores e Associados, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da, **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SÓCRATES, Ironia e maiêutica. **Enciclopédia do estudante: história da filosofia**: da antiguidade aos pensadores do século XXI – Bernadete Siqueira Abrão. [et al.] – 1ªed. São Paulo: Moderna, 2008 v.12.

SUCHODOLSKI, B., **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. 5ªed. Lisboa: Horizonte, 2000.



Ivan Aparecido da Silva

Graduação em Geografia pela Universidade Guarulhos, UNG, 2006, Guarulhos, SP; Especialista em Educação Musical pela Faculdade Campos Eliseos, FCE, 2018; Professor de Ensino Fundamental II e Médio em Geografia na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.29>

LUÇÃO



A educação por que a vive

www.primeiraevolucao.com.br

a EVOLUÇÃO
ISSN 2675-2573

50 anos
Cinquentenário
EMEF PROF. ANTÔNIO DUARTE DE ALMEIDA

**ESCOLA QUE PULSA:
UMA HOMENAGEM AOS 50 ANOS DA EMEF
PROF. ANTÔNIO DUARTE DE ALMEIDA**

DESTAQUES

A EDUCAÇÃO INFANTIL: ESSA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
Bruna Dias Campos

DESAFIOS DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Marcia Muniz Brilhante de Toledo

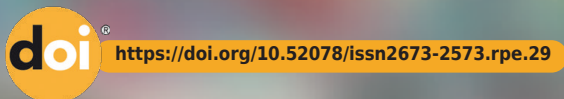
www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Bruna Dias Campos
Ivan Aparecido da Silva
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Jucélia Maria do Nascimento
Lucas Missio Christino
Luiza de Caires Atallah
Marcia Muniz Brilhante de Toledo
Ntusa Mahuila
Taisa da Silva Souza
Tamires Aparecida Silva dos Santos
Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

